

Article

# Proximidade na Heterologia de Emmanuel Lévinas: O Lugar a partir de Fotografias de Estudantes Universitários

Jéssica Bianca dos Santos<sup>1</sup>, Jamille da Silva Lima-Payayá<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil. ORCID: 0000-0001-7018-0033. E-mail: jessica.bianca@uel.br

<sup>2</sup> Doutora. Docente na Universidade do Estado da Bahia. ORCID: 0000-0002-9590-3370. E-mail: jaslima@uneb.br

## RESUMO

A heterologia de Lévinas nos convoca a uma escuta ética, na proximidade que não implica ensimesmamento nem Mesmidade. A partir de tal perspectiva, buscamos possibilidades para reverberar o lugar, como ética, na formação de professores de Geografia. O artigo objetiva repercutir a oficina ministrada durante a XXIX Semana de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, em 2023. Intitulada “Alteridade na formação docente: por uma educação geográfica para a diferença”, a oficina propôs a produção de fotografias como possibilidade de sensibilização e escuta ética. A partir das fotografias, o lugar como alteridade é tonificado, como convocação do geográfico que interpela como acolhimento e responsabilidade.

**Palavras-chave:** alteridade; representação; formação de professores.

## ABSTRACT

Lévinas' heterology summons us to ethical listening, in the proximity that does not imply self-absorption or sameness. From this perspective, we are looking for possibilities to reverberate place as ethics in the training of Geography teachers. The article aims to reflect on the workshop given during the XXIX Geography Week at the State University of Maringá in 2023. Entitled “Alterity in teacher training: towards a geographical education for difference”, the workshop proposed the production of photographs as a possibility for raising awareness and ethical listening. From the photographs, the place as alterity is toned down, as a summons from the geographic that challenges as welcome and responsibility.

**Keywords:** alterity; representation; teacher training.

## Introdução

Certas imagens nos interpelam e nos fazem responder ao seu acontecimento. Uma imagem aparece em sua nudez, se dirigindo a uma língua sempre estrangeira, como um apelo para não ser reduzida a signos ou conceitos. As imagens nos intimidam e nos interpelam de maneira a não permitir a indiferença diante delas.

A proximidade que a imagem provoca, se baseia na escuta em resposta à responsabilidade ética, por meio de um dizer pré-original anterior a qualquer significação. “A proximidade é o sentido mais profundo da vida humana”, é uma relação singular, sem mediação, “a qual já significa proximidade, sensibilidade, vulnerabilidade” (Nodari 2002, p. 205). A imagem exige do Eu a escuta da palavra do Outro e a disposição de ouvi-lo, assim, a heterologia proposta pelo filósofo Emmanuel Lévinas (1906-1995), permite pensar as imagens para além daquilo que está disponível à apreensão ou ao representado. Desse modo, o foco não estaria nem no autor,



Submissão: 18/08/2024



Aceite: 22/10/2024



Publicação: 07/11/2024



nem na fotografia e muito menos naquele que observa ou que contempla. O foco está na proximidade, na sensibilidade que perturba os sentidos e exige responsabilidade ética (Moriceau 2019).

Essa perspectiva da proximidade orienta esse estudo, no qual buscamos problematizar como as relações de proximidade e distância em Lévinas nos ajudam a pensar o estudo do lugar a partir de fotografias, levando ao movimento de transformação inerente à relação com o Outro. O artigo expressa uma primeira tentativa de trabalhar as relações de alteridade, a partir de uma prática de pesquisa fenomenológica, desenvolvida na oficina realizada no ano de 2023, durante a XXIX Semana de Geografia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), na cidade de Maringá (PR). A oficina “Alteridade na formação docente: por uma educação geográfica para a diferença”, teve como propósito trabalhar a alteridade como possibilidade para um outro modo que ser geográfico, pautado na responsabilidade ética com o Outro, na proximidade. A relação com o lugar foi o meio para tal exercício, trazendo-o por meio de fotografias realizadas pelos cursantes no *campus* da UEM.

As experiências com e no lugar promovem vivências, despertando para uma relação, que está além da percepção e do sentir possibilitando que a alteridade tonifique o acolhimento e a responsabilidade, não apenas com o Outro humano, mas também para com o geográfico.

Buscamos considerar o processo de construção das fotografias como expressão da alteridade. Para isso, tomamos a maneira como a Fenomenologia aparece em Lévinas, como heterologia, a qual implica não ser indiferente e ouvir o Outro. Essa perspectiva implica a não circunscrição em uma compreensão fechada ou estática, orientada para a escuta, mesmo no que se refere a imagens (como a fotografia). Escutar as fotografias, sem capturas ou aprisionamento de conceitos, se encontra na sensibilidade de acolher o Outro, como relação ética.

Não se pretende aqui colocar a abertura ao geográfico como fonte reflexiva do ser, até porque, como já colocado, o Outro se revela por meio das relações de proximidade, não podendo ser compreendido ou objetificado. No entanto, a abertura ao Outro permite repensar a ação pedagógica e a formação docente.

Assim, as contribuições filosóficas de Lévinas emergem como uma fonte inspiradora para a formação de professores de Geografia. Isso implica na defesa de um sentido outro para a Geografia, fundamentado na fissura da totalidade e no acolhimento que se concretiza na relação de proximidade e de não indiferença à presença do Outro.

### **Alteridade e lugar: pensando a formação de professores**

Como pensar o lugar para além da essência, do perceber e do sentir? O lugar aparece como manifestação viva, resignificação do seu sentido a partir da traumatização da centralidade do sujeito do conhecimento moderno, potencializando as relações que se voltam à alteridade (Lima-Payayá 2023).

O lugar é apresentado como potencializador na educação para a alteridade, na construção de processos educativos que buscam um outro modo que ser predominantemente ético. O lugar vai muito além da localização, da extensão ou da abstração: pode ser entendido como alteridade, pela cumplicidade das relações que se manifestam com e no lugar. O lugar é possibilidade de encontro, de proximidade com a Terra. A perspectiva da geograficidade de Éric Dardel (1899-1967) remete ao modo como habitamos a Terra, referindo-se ao sentido da vida e do lugar. Para o autor, o lugar está nos modos intersubjetivos e na relação com a Terra, como base da nossa existência. Essa geograficidade referida pelo autor é ontológica, mas seu exercício exige uma orientação primordialmente ética. Neste sentido, a ética não se constitui na plasticidade das formas ou em sua presença, mas sim na relação com o Outro, manifestada nas relações de alteridade que se abrem à geograficidade.

Essa leitura do lugar fundamentado na ética e na relação com a Terra, se contrapõe à tradição filosófica Ocidental que mantém a Geografia centrada nas estruturas do Ego como base para a relação cognoscitiva, do



ser e do conhecimento, levando à negação da alteridade. O pensamento de Lévinas se volta para a ética como filosofia primeira, implicando “tomar o Outro como alteridade inabarcável e como origem de toda orientação do ser” (Fabri 1999, p. 113).

A Mesmidade encontrada na base do pensamento filosófico moderno é, para Martins e Lepargneur (2014), o primado da razão do Eu expressada na totalidade, por meio do domínio e da violência, provocando o mais profundo egoísmo. A Mesmidade persiste na racionalidade e na objetividade do conhecimento, por meio de “uma tendência cuja lógica de vida e de pensamento, pautada na formatação do ser humano como um ‘indivíduo’ abstrato e padronizado”, que segundo Moura (2010, p.23) pouco atendem as necessidades da sociedade contemporânea.

A totalidade surge como uma tentativa de síntese universal, reduzindo toda experiência a um conhecimento de mundo do pensamento absoluto (Lévinas, 2007). Essa redução do Eu ao Mesmo promove uma totalidade abarcável, que pode levar a ciência geográfica a um processo de ensimesmamento e negação do Outro.

Isso floresce na formação de professores ao nos depararmos com grandes desafios de natureza epistemológica de construção do pensamento geográfico, fundamentado na Modernidade e que se perpetuam na educação por meio da colonialidade do saber, reduzindo conceitos à estrutura da consciência, caracterizada pela representação.

Essa problemática reverbera na Geografia e na formação de professores, demandando uma atuação que não se limite à Mesmidade, mas que promova uma educação geográfica orientada pela ética. Alves e Ghiggi (2012) defendem as contribuições de Lévinas para a educação, destacando uma modalidade pedagógica fundamentada no acolhimento e na abertura ao ensinamento do Outro, o que desafia o ensino fundado no saber técnico e instrumental da Modernidade.

Situar a ética como base para a educação geográfica implica fissurar a organização, as metodologias e, principalmente, as estruturas de pensamento em que as instituições estão inseridas, promovendo uma educação aberta ao acolhimento. Isso significa um outro modo que ser e fazer Geografia, predominantemente ético.

Pensar uma educação para além de reformulações teóricas poderá, segundo Souza (2012), tornar o humano algo distinto das essências abstratas e dos conceitos fundamentados no ser. Mas como pensar uma formação docente para a alteridade? De que forma a alteridade se manifesta na educação geográfica?

### **Educação geográfica para a diferença: a proposta da oficina**

Foi em busca de tais respostas que elaboramos e propusemos a oficina “Alteridade na formação docente: por uma educação geográfica para a diferença”, durante a XXIX Semana de Geografia da UEM, em 2023. Destinada a um público de professores de Geografia em formação, buscamos exercitar as potencialidades da heterologia delineada por Lévinas (2011) para a formação de professores em Geografia. Para tanto, articulamos a perspectiva de Lévinas com os atravessamentos das relações com os lugares, mediadas pela confecção de fotografias pelos cursantes.

A oficina foi pensada a partir de três momentos: 1) Tradição do pensamento filosófico; 2) Fissuras no modo de ser Geografia; e, 3) Lugar e alteridade. Em conjunto, tais diálogos permitiram reflexões a respeito da formação de professores e das possibilidades da perspectiva trabalhada.

Iniciamos a oficina problematizando a tradição do pensamento filosófico, levantando questionamentos para pensar a Geografia. As perguntas: “Como é estabelecida a relação entre sujeito e objeto?” e “Como a Mesmidade interfere na maneira de compreensão do mundo?”, foram realizadas suscitando a discussão. O diálogo permitiu trazer à tona o modo como fazemos pesquisa, como analisamos os resultados e as bases bibliográficas que utilizamos.



Assim, encaminhamos para a segunda parte, mostrando a fenomenologia como possibilidade e potencial para a Geografia. A maioria dos estudantes não conhecia a fenomenologia, desta maneira foi realizado um apanhado geral do pensamento de alguns autores de base fenomenológica como Husserl, Merleau-Ponty e Lévinas, evidenciando como o fenômeno pode ser desvelado em seu próprio contexto, partindo do princípio de que devemos observar como as coisas se apresentam no mundo, independentemente de teorias preexistentes ou proposições (Araujo 2017). As discussões em torno da fenomenologia permitiram compreendê-la como uma possibilidade de tensionamento da tradição filosófica moderna, por meio de pesquisas que valorizam as experiências e o mundo da vida.

Como encaminhamento da última parte da oficina, trouxemos para dialogar com os estudantes o pensamento de Lévinas, como abertura para pensar a alteridade. Após introduzir as consequências de suas propostas, em especial em relação à liberdade, à epistemologia e à ética, propusemos que os participantes saíssem da sala e caminhassem pelo *campus* para realizarem fotografias. Não foi dado nenhum tipo de encaminhamento nessa atividade, para que não conduzissem os estudantes a uma resposta pré-estabelecida. Indicou-se apenas que deveriam ser fotografados lugares e que dentre as imagens produzidas, fosse escolhida uma para compartilhar com os demais.

Compreender o lugar na perspectiva da alteridade é assumir que a ciência geográfica se faz no encontro e na abertura para com o Outro. Lugar é “alteridade pela qual nos sentimos obrigados a acolher, [...] implica responsabilidade que nos acompanha, onde quer que venhamos a habitar” (Lima-Payayá 2023, p. 447). Marques *et al.* (2021, p. 65), mostram a importância da alteridade radical e seus desafios conceituais, devido ao movimento para fora de nossa interioridade, necessário para respondermos responsavelmente à demanda do Outro que nos interpela.

Ao retornarem da caminhada, os estudantes projetaram as imagens e cada um pôde falar de sua fotografia, revelando experiências e vivências no *campus*. Ao longo das apresentações, fizemos anotações de algumas palavras no quadro que sinalizavam a relação com e no lugar por meio das fotografias. Saudade, vivência, diferença, encantamento, medo, aproximação, relações com os amigos, afastamento e distanciamento.

Assim, finalizamos a oficina articulando as palavras com o pensamento de Lévinas, provocando os participantes a imaginar uma Geografia e uma prática docente que possa ir além daquilo que está posto. A heterologia levinasiana serviu como base para a escuta dos estudantes, contribuindo para um movimento de abertura. A importância de articulações entre ética e educação é fundamental, sobretudo no contexto em que o Outro muitas vezes é visto como objeto. Para além da sua articulação filosófica e da essência do ser, considerar o Outro no processo de aprendizagem significa buscar uma educação responsável e ética.

### **Fotografando o lugar: proximidade com o geográfico**

O lugar manifesta uma alteridade que não pode ser compreendida pela objetificação, nem tampouco reduzido a discursos. Estes podem ser descritos por meio da consciência e das vivências, mas a relação ética está, sobretudo, na relação de responsabilidade, levando à não indiferença.

O modo como o outro se manifesta diante de nós como conseguimos ouvi-lo, mas sem que ele possa ser apreendido pelo conceito, por nossa tentativa de reduzi-lo a um padrão conhecido de julgamento, ama vez que a razão suprime a alteridade do interlocutor e do falante (Marques *et al.* 2021, p. 66).

Os caminhos percorridos pelos estudantes nos levam a pensar o que é, no fundo, inexplicável: o Outro e a intrínseca relação que o humano tem com a Terra e seus lugares. Trata-se de uma ligação metafísica que “nos acompanha e se realiza em qualquer lugar” (Lima-Payayá 2023, p. 447), potencializada pelas relações de alteridade.



Dardel (2011) propõe um face-a-face geográfico com a Terra, que se doa e se desvela ao humano, não como um ente passivo que apenas se deixa contemplar ao olhar alheio. Remeter à Terra sob a forma de proximidade é, portanto, acolher o testemunho em atitude de escuta, não de abstração esquematizadora (Besse 2015a, p. 127, *apud* Nascimento 2020).

Procuramos pensar com e para além das fotografias, a partir de um chamamento que nos é endereçado, convocando à escuta atenta por meio da heterologia levinasiana. As fotografias marcam uma relação de abertura, uma forma de dialogar em que o Eu não se reconheça nela, isso porque não pode ser capturado ou assimilado por conceitos (Vieira, Coelho, Marques 2017).



**Figura 1:** Caminho não frequentado. Fonte: Estudante 1.

É na convocação ética que o “Eis-me aqui” de Lévinas (2011) se apresenta em constante débito, levando a uma in-condição e à suspensão da liberdade do Eu. Lévinas (2011) afirma que por meio do rosto do Outro, há emanção da convocação de natureza ética em que a liberdade é privada, isso porque ela não pode ter começado pela decisão do Eu: ela estabelece uma relação diacrônica, porque ordena o Eu a um acolhimento incondicional, anterior à liberdade e à consciência. O Eu é aberto e constituído pelo Outro (Marques *et al.* 2021, p. 66). Essa abertura acontece à desestabilização de nossa perseverança e insistência de permanecer em nós mesmos.

A figura 1, fotografia “Caminhos não frequentados”, mostra um lugar com baixa frequência de pessoas e escondido em comparação a outros lugares do *campus*. O autor da imagem revelou curiosidade e estranhamento em relação ao lugar, o que o convocou, aguçando sua corporeidade. As falas como “é um lugar que não costumo passar” e “foi muito bom sentir o frescor que a natureza pode proporcionar” exprimem a relação com o geográfico, a vulnerabilidade de nossa existência e de nosso corpo em relação à vida humana (Estudante 1).

Do mesmo modo, a figura 2, “Covid-19”, expressa a vulnerabilidade da existência, quando não se consegue dominar o que está diante de nós. As marcas deixadas pela Covid-19, como o distanciamento social que nos confinou à casa, gerando a saudade dos amigos e da universidade, bem como a volta à circulação, marcada pela retomada da familiaridade com o lugar, reflete o estranhamento gerado pela temporalidade e uma nova reorganização da universidade (Estudante 2).



Osswald (2018), em seu texto “O familiar e o estranho”, traz a questão do habitar como um espaço ambíguo entre a familiaridade e a estranheza, como algo que causa desconforto, que mexe com todos os sentidos. A alteridade se apresenta na face do Outro, como o inapreensível e o infinito, uma constante doação e dívida provocada pelo desembriagamento do Eu (Lima-Payayá 2023).



Figura 2: Covid-19. Fonte: Estudante 2.

A imagem convoca e sensibiliza a repensar nossa relação com a Terra . Portanto, é preciso escutar o que a imagem tem a nos dizer. A figura 2 ressoa a inquietude de quem olha e é tocado, criando o que Vieira, Coelho, Marques (2017) chamam de vínculos de responsabilidade, sendo impossível não se sensibilizar com aquilo que se apresenta a partir da fotografia. A fotografia pode revelar as fragilidades do próprio existir, mas para isso o Eu precisa estar em abertura, estar em proximidade com o Outro.

Moriceau (2019) reconhece que escutar a imagem está para além da sua compreensão, permitindo criar condições de aproximação, escuta e resposta que interdita o mero seguir tranquilamente o próprio caminho, requerendo responsabilidade ética.

A imagem nos desestabiliza e convida a oferecer o melhor de nós, definindo um novo começo que é dado pela proximidade. Encontramos essa proximidade na figura 3, “Pátio da UEM”, marcada pelas relações entre sujeitos que acontecem no pátio da universidade, lugar de passagem, com alguns bancos, salas de aula ao redor e algumas árvores. Esse é um lugar de encontro, de amizades e conversas, que permite acolher as relações com o geográfico, gerando memórias levadas por toda à vida (Estudante 3).



**Figura 3:** Pátio da UEM. Fonte: Estudante 3

Lévinas (2011) nos leva a refletir a maneira como a imagem nos toca em direção a outras formas de interpretação: ela dialoga conosco em um discurso sem palavras, por meio de uma linguagem de proximidade, demandando apenas o acolhimento e a escuta como resposta.

A maneira com que o Outro nos interpela, se torna irreversível ao passo que a palavra anuncia uma linguagem originária que só é possível pela proximidade, pois, “a linguagem é o ato do homem racional que renuncia à violência para entrar em relação ao outro” (Lévinas 1990, p. 21).

Já o “Estacionamento da UEM”, na figura 4, apresenta carros à sombra das árvores. O sol entre as folhas traz um outro olhar a esse lugar, quando sua vivência noturna, faz parecer estar em um lugar novo (Estudante 4). Mesmo lugar, mas em situação diferente, possível de hospitalidade e de acolhimento, como uma ação uterina que se aproxima do feminino, que escuta e faz-se abraçar, expondo nossa vulnerabilidade diante do Outro (Guimarães 2019).

As relações de alteridade são, por vezes, obstacularizadas pelas diferenças que constituem o lugar, isso porque a filosofia permaneceu submetida à ideia de totalidade e ao dualismo sujeito/objeto, negando o Outro (Haddock-Lobo 2006).

Ao escutarmos as fotografias, percebemos que elas se tornaram um enigma, o qual dificilmente pode ser traduzido. Revela-se então, uma outra forma de acolhimento, que acontece mesmo com a nossa capacidade de estranhar-se ou espantar-se.

A linguagem como escuta, na responsabilidade diante das fotografias, sustenta um dizer outramente, que está para além de todo significado e objetificação, ressoando na proximidade que nos sacode e nos perturba a estar em movimento de transformação. Assim, se torna importante ir além de uma concepção de diálogo que possa articular uma ética capaz de contribuir para a autoconstrução e transformação social (Santos, Garcia, Silva 2022).



Figura 4: Estacionamento da UEM. Fonte: Estudante 4

Neste movimento, entendemos que a heterologia de não indiferença proposta por Lévinas nos provoca a um outro modo que ser Geografia, pautado no acolhimento e responsabilidade. A heterologia como caminho, permite escutar e estar aberto ao Outro, não como compreensão (ou apreensão), mas como ética no contexto das relações.

### Imagens, alteridade e lugar

Pensar em uma formação docente em Geografia voltada ao outro exige radicalidade ética na educação. A formação em Geografia frequentemente perpetua a tradição do conhecimento filosófico que se baseia na negação do Outro, alheia às relações de proximidade.

A formação docente em Geografia que valoriza a alteridade na ação educativa está conectada ao respeito e ao acolhimento. Precisamos então, desconstruir ou fissurar esse projeto de dominação do saber e nos dedicarmos a um projeto baseado na responsabilidade ética como potencial de transbordamento de uma Geografia voltada à responsabilidade e ao acolhimento, estabelecendo outra base para a formação docente.

O lugar, assim, aparece como possível fissura do modo como a ciência moderna se presentifica na Geografia, permitindo que as relações éticas não apenas mostrem, mas constituam nossas relações. Fotografar os lugares, nesse sentido, implica proximidade e enfrentamento, como as produções dos participantes das oficinas trouxeram. Escutar as imagens é um ato de acolhimento, mas não se trata de compreender a alteridade e como ela é manifestada: trata-se de aprender o que, a partir desse encontro, pode gerar transformações, deixando-se invadir pelos afetos, construindo outras condições humanas através da proximidade.

Podemos dizer, nesta perspectiva, que os estudantes não escolheram o lugar que fotografaram, mas que o lugar, enquanto Outro, afetou e mobilizou os participantes, que atenderam a um chamamento, a uma convocação, restando-lhes apenas deixar-se aproximar e conduzir eticamente.



## Referências

- ALVES, Marcos A; GHIGGI, Gomercindo. Pedagogia da alteridade: o ensino como condição ético-crítico do saber em Lévinas. **Educação e Sociedade**, v. 33, n. 119, p. 577-591, 2012.
- ARAÚJO, Danieli. B. de. Dimensão Educadora da Cidade: Poética e imaginação na experiência urbana. 2017. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina/UUEL, Londrina, 2017.
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FABRI, Marcelo. Hermenêutica e ontologia em Levinas. **Acta Scientiarum**, v. 21, n. 1, p. 113-119, 1999.
- GUIMARÃES, César G. Incidências singulares das alteridades nas imagens: acolher, considerar e responder ao seu inquietante enigma. In: MARQUES, Ângela C. S.; VIEIRA, Frederico (Org.). **Imagens e alteridades**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2019.
- HADDOCK-LOBO, R. **Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.
- LÉVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser ou para lá da essência**. Tradução de José L. Pérez; Lavínia L. Pereira. Lisboa: Translata 7, 2011.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 2007.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Difficile Liberté**. Paris: Le Livre Du Poche, 1990.
- LIMA-PAYAYÁ, Jamille da Silva. Docência Payayá: educação indígena e geográfica para a alteridade. **Caderno de Geografia**, v. 33, n. 73, 2023.
- MARQUES, Ângela; Martino, Luis M.; MORICEAU, Jean-Luc; VIEIRA, Frederico; HERNANDEZ, Elisa. O enigma do outro: contribuições do pensamento de Emmanuel Lévinas para a pesquisa com afetos. In: PESSOA, S.; MARQUES, A.; Mendonça, C. (Org.) **Afetos: teses e argumentos**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2021.
- MARTINS, Rogério J.; LEPARGNEUR, Hebert. **Introdução a Lévinas: pensar a ética no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2014.
- MOURA, Jeani D. P. A universidade e os professores: perspectivas para uma formação humana. **Revista Formação**, n. 17, v. 2, p. 3-20, 2010.
- MORICEAU, Jean-Luc. Imagens-rostos, fotos de alteridade. In: MARQUES, Ângela C. S.; VIEIRA, Frederico (Org.). **Imagens e alteridades**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2019.
- NASCIMENTO, Francijonison C. A paisagem como rosto: uma confluência entre Geografia de Dardel e a Filosofia de Lévinas. **Geosp: Espaço e Tempo**, v. 24, n. 1, p. 104-116, 2020.



NODARI, Paulo C. O rosto como apelo à responsabilidade e à justiça em Levinas. **Síntese: Rev. de Filosofia**, v. 29, n. 94, p. 191-220, 2002.

OSSWALD, Andrés M. O familiar e o estranho. Uma aproximação aos estudos sobre o habitar: entre a fenomenologia e a psicanálise. **Revista NUFEN: Phenomology and Interdisciplinarity**: Belém, v. 10, n. 3, p. 64-86, 2018.

SANTOS, Ben-Hesed; GARCIA, Elaine F. H.; SILVA, Luzia B. O. Diálogo entre Freire e Lévinas como estratégia de responsabilidade e respeito ao Outro na educação. **Temas e matrizes**, Cascavel, v. 16, n. 27, p. 10-26, 2022.

SOUZA, José T. B. de. Alteridade e educação em Levinas. **Perspectiva Filosófica**, Recife, v. II, n. 38, 2012.

VIEIRA, Frederico; COELHO, Tamires; MARQUES, Ângela C. S. A vulnerabilidade e o rosto em imagens de sujeitos empobrecidos: notas para pensar outramente a relação entre estética e política. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, jan-jun. 2017.